

---

MÚSICA

23 NOVEMBRO '07

ENSEMBLE IBN

ARABI

---

Concerto integrado no ciclo 'Os Filhos de Abraão'

***Culturgest***

Grupo Caixa Geral de Depósitos



SEX 23 NOVEMBRO 2007 · GRANDE AUDITÓRIO · 21H30 · DURAÇÃO 1H30 · M/6

*Qanun* e Direção musical Ahmed Elo Kheligh

*Ud* e *Tambur* Hervé Teboul

Violino Andalou Oussama El Kheligh

*Daf* e *Zarb* Pièrre Rigopoulos

Canto e *Bendir* Abdellah el Mansor El Kheligh

*O meu coração tornou-se capaz  
De aceitar toda a imagem.  
É pasto para as gazelas,  
Convento para os monges,  
Templo para os ídolos,  
O Kaaba dos peregrinos,  
As tábuas da Tora e o Livro do Corão.  
Creio na religião do Amor,  
Seja qual for a direcção que as suas montadas sigam.  
O Amor é a minha religião e a minha fé*

IBN ARABI

---

## Ensemble Ibn Arabi, é a música sufi árabo-andalusa

---

Tendo surgido no século IX na Mesopotâmia (Iraque, Síria), o sufismo incarna a dimensão mística do Islão. Fundando-se no Corão, o sufismo concebe-se como uma via iniciática para aceder a “um conhecimento pessoal experimental do divino”. Esta procura através da purificação do eu e da elevação do espírito, visa a união com Deus ou, mais precisamente, a extinção do temporal no intemporal, do material no imaterial, do finito no infinito. Esta via, a *tarica* (o “caminho” e, por extensão, a confraria daqueles que seguem esse caminho) percorre-se sob a influência de um xeque (mestre) que cumpriu todas as fases da viagem interior.

A prática sufi utiliza rituais pessoais ou comunitários, como a audição do Corão, de salmodias, sermões, cânticos panegíricos, invocações de Alá (*dhikr*) ou de cerimónias mais extáticas, em que se procura o êxtase, como as *hadra*, em que se juntam muitas vezes o canto, a dança

e a música, pois que numerosos sufis os consideram como expressões do desejo da alma se aproximar de Deus. Assim, se o sufismo deu ao Islão os seus maiores teólogos (sendo uma das suas grandes figuras o teólogo Abu Hamid al Ghazali, que morreu em 1111), também favoreceu toda uma expressão artística, desde a poesia e a caligrafia, até à música.

Foi depois de se ter constituído, nos séculos XI e XII, em confrarias, que, progressivamente, o sufismo vai suscitar uma vasta adesão popular desenvolvendo os seus ramos desde a Ásia central até às margens do Mediterrâneo e da África ocidental, abraçando substratos culturais muito dissemelhantes. Em Marrocos, foi entre os séculos XIV e XV que o sufismo conheceu um desenvolvimento espectacular que o vai conduzir ulteriormente a por vezes desempenhar um papel social e político de primeiro plano, nomeadamente face às colonizações.

Hoje, duas expressões do sufismo coabitam neste país através da rede das *zaouia*, os locais de reunião dos sufis. Uma, adepta de rituais demonstrativos,

prolixos em ritmos e músicas, susceptíveis de conduzir ao transe (é o sufismo dos Gnawas, Jilalas, Aïssaouas, Hamadshas, etc.), muitas vezes apresentada de uma forma redutora, em palcos no Ocidente e até mesmo em Marrocos, para turistas, como demonstração folclórica. A outra forma, maioritária no país, mas menos conhecida, porque menos espectacular, pratica um sufismo ortodoxo sem ostentação. Assim certas *zaouïa*, através da memória de velhas famílias cuja genealogias remontam à “Espanha das três culturas”, perpetuam uma herança musical árabo-andaluzia particularmente detectável através dos seus modos musicais, seja num registo sagrado, seja num registo profano.

É precisamente a partir da *zaouïa* Siddiqia, aninhada no coração do Kashbah de Tânger, ligada à ordem Darqawi e fundada no princípio do século xx pelo xeque Sidi Mohamed Benseddik (ao qual sucedeu o seu filho, já desaparecido), que se constitui o Ensemble Ibn Arabi. O seu nome remete para um dos grandes sufis, Ibn Arabi, nascido em 1161 em Múrcia (Espanha) e falecido em Damasco em 1240, um viajante impenitente que passou a sua vida a ensinar e a escrever, devendo-se-lhe 400 manuscritos essenciais sobre o sufismo.

De facto, se a música árabo-andaluzia marroquina, herdeira da Andaluzia muçulmana anterior à “Reconquista” cristã de 1492, tem grande notoriedade – “música clássica” codificada através das famosas *noubas* (longas *suites* instrumentais e cantadas, interpretadas por grandes conjuntos de músicos) –, outros patrimónios musicais igualmente

árabo-andaluzes, menos conhecidos, merecem também ser escutados com atenção. Em primeiro lugar, o repertório das mesquitas que conserva a marca da herança andaluzia, revelada por o Corão aí ser salmodiado num estilo reconhecível pelos seus modos musicais, os *tab*, pelos desenvolvimentos melódicos particulares e ainda pela colocação da voz dos recitantes. O conjunto destas especificidades produz um estilo forte, diferente do estilo do Médio Oriente, difundido à saciedade pelos média, e as parábolas cujo tom monocrórico tem efeitos um pouco soporíficos. Em segundo lugar, o do importante *corpus* de cantos de louvor a Alá, ao profeta Maomé ou relativos a numerosos aspectos da vida religiosa que são o apanágio das *zaouïa*, o qual atesta igualmente uma continuidade árabo-andaluzia bastante surpreendente. Os resultados destes legados, transmitidos oralmente, subsistem por vezes em algumas *zaouïa* graças apenas à memória dum punhado de testemunhas que recolheram estes cantos de um mestre, de parentes ou de velhos dervixes [monges muçulmanos].

É tendo em conta este contexto que se pode apreciar a singularidade das propostas do Ensemble Ibn Arabi. No caso [referência aos temas que são interpretados no CD que este texto acompanha e que se pode aplicar igualmente ao repertório desta noite, baseado nesse CD], uma sucessão de peças que remetem para essas duas paisagens do canto marroquino desconhecidas no estrangeiro, que são cantadas nas *zaouïa* a partir de poemas de grandes figuras do sufismo, seja Ibn Arabi, Rabia al-Adawiya,

Abou'l Hassan al-Shushitari, Omar Ibn al Faridh ou Sidi Mohammad al-Harrak. O Ensemble Ibn Arabi intercala *taqsim* (improvisações instrumentais) na introdução aos cantos ritmados ou aos *mawwal* (solos em canto livre).

A originalidade deste repertório reside, por outro lado, no facto de os seus autores terem querido manter-se fiéis à filosofia de todos estes músicos e poetas que, durante a época medieval e apesar das distâncias – à imagem de um Zyryab que, tendo partido do Irão, alcançou a Andaluzia, ou de um Ibn Arabi que fez o caminho em sentido inverso –, se visitaram, trocaram os seus saberes, as suas emoções e fundaram uma comunidade intelectual internacional (uma rede, dir-se-ia hoje) de primeira ordem. Rizoma de criadores que, ao longo do tempo, vai favorecer o aparecimento de novos modos musicais bem como a troca de técnicas ou de instrumentos, ou seja, todo um tráfico de estéticas que semeará as diversas “traduções” do mundo muçulmano.

Esta aposta musical, tanto estética como filosófica, deve-se a Ahmed El Kheligh, director musical do Ensemble Ibn Arabi. Depois de ter aprendido a música árabo-andaluzia no Conservatório de Tânger, aprendeu o *qanun* [conhecido também por saltério ou cítara, é um instrumento de cordas fixas por cavilhas numa caixa de ar em forma trapezoidal] com o tunisino Idrahim Salah e o iraquiano Salim Husseyyin Al Amir. Discípulo do último xeque da *zaouïa* Siddiqi, teve também o privilégio de prosseguir os seus estudos de história das ideias em Paris, e depois de teologia na Universidade

Qarawiyne de Fez onde se consagrou ao estudo do sufismo.

Esta formação pluridisciplinar corresponde ao seu ecletismo pessoal, uma vez que apresenta, desde há quatro anos na Medi 1, Rádio Méditerranée Internationale, uma emissão muito conhecida – *Música e cantos sufis através do mundo* – apresenta para o 1.º canal da televisão marroquina (RTM) uma emissão sobre as grandes figuras do sufismo marroquino, escreve para diversas revistas literárias ou universitárias ou para jornais de língua árabe, sempre sobre o sufismo, dá conferências na Europa e no Mundo Árabe ou ainda apresenta concertos de músicas sufis como no célebre Festival das Músicas Sagradas do Mundo, em Fez.

Para além do seu director, Ahmed El Kheligh, formam o Ensemble, para este concerto, os seus elementos habituais e o percussionista Pierre Rigopoulos.

Haroun Teboul é discípulo de Kudsi Erguner (musicólogo tocador do *ney* [flauta típica do instrumentário persa e árabe] turco) tanto sob o plano da música clássica otomana, como no quadro da confraria Mevlevive [dos Derviches *tourneurs*, muito conhecidos pela dança em que giram sobre si próprios] em cujas cerimónias participou frequentemente. Este músico, familiar da música andaluzia pelas suas origens (uma parte da sua família é originária de Tlemcen, na Argélia [Tlemcen recebeu numerosos emigrantes árabo-andaluzes na altura da “Reconquista” cristã]) e impregnado dos propósitos sufis através do ensino que recebeu, experimentou a profunda unidade de sentido e as numerosas semelhanças, filhas da

história, entre estas duas culturas, aparentemente afastadas, das margens do Mediterrâneo, que são as tradições otomana e árabo-andaluza. É, aliás, notável que as obras dos sufis sejam apreciadas em todas as latitudes e sejam cantadas e tocadas de Marrocos à Turquia, da China ao Afeganistão e até à Indonésia.

O cantor Abdellah el Mansour El Kleigh, também tocador de *bendir* [instrumento de percussão originário de Marrocos, com cordas ou elásticos junto à pele que é percutida], formado no Conservatório de Tânger, é um formidável intérprete. Se demonstra um controlo vocal que se confunde com um à-vontade natural é porque, emerso no repertório das *zaouia* desde muito novo, contactou com figuras reputadas da geração antiga (como Sidi Mohammed Ben Agiba, Reyhani e Tamsamani).

O violonista Oussama El Kheligh estudou violino e música árabo-andaluza nos Conservatórios de Rabat e de Tânger (onde ensina) e Teologia na Universidade de tetoão.

PIERRE RIGOPOULOS é o percussionista que integra o Ensemble para este concerto. Aluno do conservatório experimental de Pantin, estudou percussão contemporânea com Gaston Sylvestre, aí descobriu o *zarb* (tambor iraniano) e prosseguiu os estudos desse instrumento com Jean-Pierre Drouet.

Pratica a música contemporânea, continuando a estudar o *zarb* com Bruno Caillat e Djamchid Chemirano. Percussionista polivalente, toca em formações de jazz, de música tradicional ou clássica, para representações teatrais, coreográficas ou de ópera.

Desde 1988 que o Ensemble Ibn Arabi participa em Festivais de grande prestígio na Europa (em 1999 esteve no Festival “Évora Clássica”), nos países do Mediterrâneo, na América Latina, na Índia, nos Estados Unidos. Pelos mesmos países tem dado dezenas de concertos não integrados em festivais. Para além de registos para rádios e televisões, gravou cinco CD’s.

TRADUZIDO, COM ADAPTAÇÕES,  
DO TEXTO DE AUTORIA DE FRANK  
TENAILLE QUE ACOMPANHA O CD  
ENSEMBLE IBN ARABI, CHANTS SOUFIS  
ARABO-ANDALOUS

## PRÓXIMO ESPECTÁCULO

TEATRO QUI 29, SEX 30 NOVEMBRO · SÁB 1 DEZEMBRO



Fotografia: Anna Bercozzi

# Studio su Medea

## Estudo sobre Medeia

Encenação de Antonio Latella

Grande Auditório · 21h30 · M/16 · Dia 29 Capítulo I (21h30) Duração: 1h05 · Dia 30  
Capítulos II (21h30) e III (23h00) Duração: 50 m + 40 m · Dia 1 Capítulos I (18h30),  
II (21h30) e III (23h00) Duração: 1h05 + 50 m + 40 m

Dividido em três capítulos, cada um deles potencialmente autónomo, o tríplico sobre Medeia concentra-se nalguns temas que surgiram da leitura do grande texto de Eurípidés. Este é aqui utilizado como pretexto, imprescindível ponto de partida, para uma interpretação pessoal com uma forte liberdade expressiva que encontra a sua correspondência cénica na utilização de escassos elementos cenográficos, nos corpos e vozes dos actores como vectores de informação e emoção, no uso de várias línguas destinadas a tornar-se simplesmente som.

A primeira tela ou capítulo I, *Medeia e Jasão*, é o encontro/embate destes dois corpos e das suas histórias, síntese da história de Medeia, do mito Medeia, tal como nos foi transmitido. As outras duas telas ou os outros dois capítulos vêm completar a narrativa do primeiro: o corpo da mulher amada/ amante que se torna o corpo mãe/corpo infanticida; e depois no último capítulo o corpo que elimina, anula o sangue, a carne, para ascender e portanto tornar-se Dea-Me-Dea.

ANTONIO LATELLA

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

# CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55  
WWW.CULTURGEST.PT  
Edifício Sede da CGD  
Rua Arco do Cego  
1000-300 Lisboa

## CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO PRESIDENTE

Manuel José Vaz  
VICE-PRESIDENTE  
Miguel Lobo Antunes  
VOGAL  
Luís dos Santos Ferro

## ASSESSORES

### DANÇA

Gil Mendo

### TEATRO

Francisco Frazão  
ARTE CONTEMPORÂNEA  
Miguel Wandschneider  
SERVIÇO EDUCATIVO  
Raquel Ribeiro dos Santos

## DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Margarida Mota

## PRODUÇÃO E SECRETARIADO

Patrícia Blázquez  
Mariana Cardoso de Lemos  
Jorge Epifânio

## EXPOSIÇÕES

### PRODUÇÃO E MONTAGEM

António Sequeira Lopes

### PRODUÇÃO

Paula Tavares dos Santos

### MONTAGEM

Fernando Teixeira

### CULTURGEST PORTO

Susana Sameiro

## COMUNICAÇÃO

Filipe Folhadela Moreira  
Joana Gonçalves ESTAGIÁRIA  
Judite Jóia ESTAGIÁRIA

## PUBLICAÇÕES

Marta Cardoso  
Rosário Sousa Machado

## ACTIVIDADES COMERCIAIS

Catarina Carmona

## SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS E FINANCEIROS

Cristina Ribeiro  
Paulo Silva

## DIRECÇÃO TÉCNICA

Eugénio Sena

## DIRECÇÃO DE CENA E LUZES

Horácio Fernandes

## ASSISTENTE DE DIRECÇÃO CENOTÉCNICA

José Manuel Rodrigues

## AUDIOVISUAIS

Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM

Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO

Tiago Bernardo

## ILUMINAÇÃO DE CENA

Fernando Ricardo CHEFE

Nuno Alves

## MAQUINARIA DE CENA

José Luís Pereira CHEFE

Alcino Ferreira

## TÉCNICO AUXILIAR

Álvaro Coelho

## FRENTE DE CASA

Rute Moraes Bastos

## BILHETEIRA

Manuela Fialho

Edgar Andrade

## RECEPÇÃO

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

## AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Nuno Cunha

grupo



**Caixa Geral  
de Depósitos**